



Vol. 27, nº 2 (2024)

**VOZES DA NEGRITUDE: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA POESIA DE
VENTURA, TRINDADE, HUGHES E TENREIRO**

**VOICES OF NEGRITUDE: IDENTITY AND RESISTANCE IN THE POETRY OF
VENTURA, TRINDADE, HUGHES, AND TENREIRO**

Suzely Ferreira da Silva¹

Recebimento do Texto: 14/10/2024

Data de Aceite: 11/11/2024

Resumo: Neste estudo, analisaremos os poemas *Negro Forro* de Adão Ventura, *Sou Negro* de Solano Trindade, *Eu, Também* de Langston Hughes e *Negro de Todo o Mundo* de Francisco José Teneiro, explorando suas diferentes abordagens sobre a identidade negra. Através de análise comparativa, examinamos como cada poema reflete perspectivas únicas e experiências variadas dentro da negritude. Apesar das diferenças, todos os poemas expressam o compromisso de celebrar a identidade negra e de resistir à opressão racial. Esta análise oferece uma compreensão mais profunda da diversidade e da força da experiência negra, destacando o papel da poesia como ferramenta de reflexão e mudança social.

Palavras-chave: Negritude. Poesia. Resistência.

Abstract: In this study, we will analyze the poems *Negro Forro* by Adão Ventura, *Sou Negro* by Solano Trindade, *Eu, Também* by Langston Hughes and *Negro de Todo o Mundo* by Francisco José Teneiro, exploring their different approaches to black identity. Through comparative analysis, we examine how each poem reflects unique perspectives and varied experiences within blackness. Despite their differences, all the poems express a commitment to celebrating black identity and resisting racial oppression. This analysis offers a deeper understanding of the diversity and strength of the black experience, highlighting the role of poetry as a tool for reflection and social change.

Keywords: Negritude. Poetry. Resistance.

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: suzely.silva@unemat.br



Introdução

A poesia tem sido há muito tempo um veículo poderoso para a expressão das complexidades da experiência humana. No contexto da negritude, ela se torna uma arena vital onde as vozes da comunidade negra encontram espaço para proclamar sua identidade, suas lutas e suas aspirações. Neste estudo, propomos uma análise comparativa de três poemas emblemáticos que exploram a negritude: *Negro Forro* de Adão Ventura, *Sou Negro* de Solano Trindade, *Eu, Também* de Langston Hughes e *Negro de Todo Mundo* de Francisco José Teneiro.

Os autores destes poemas não são apenas escritores, mas também figuras significativas nas suas respectivas comunidades, cujas vidas e obras refletem a luta e a resiliência da diáspora africana. Adão Ventura, poeta brasileiro, nasceu em Minas Gerais e dedicou sua vida à escrita e à defesa dos direitos humanos (Pereira, 2011). Solano Trindade, também brasileiro, foi um artista multifacetado, conhecido por seu ativismo social e cultural em favor da comunidade afro-brasileira (Paula, 2020).

Langston Hughes foi uma figura central na Renascença do Harlem, um movimento cultural que floresceu entre as décadas de 1910 e 1930 nos Estados Unidos e é amplamente reconhecido como uma das vozes mais influentes na literatura afro-americana. Francisco José Teneiro, por sua vez, contribuiu significativamente para a literatura africana, especialmente na região de São Tomé e Príncipe, onde foi figura de destaque tanto como poeta como crítico literário.

Por meio desse estudo, sugerimos uma investigação mais aprofundada sobre a experiência da negritude como expressa na poesia desses escritores, revelando suas complexidades, paradoxos e a beleza inerente que possuem. Cada poema proporciona, de forma única, um olhar perspicaz sobre a negritude, variando entre a contemplação tranquila da liberdade espiritual e a intensa demanda por justiça e igualdade.

Através de uma análise comparativa, vamos investigar de que forma esses poemas se conectam e se diferenciam, destacando os temas comuns, as técnicas poéticas utilizadas e as visões individuais de cada escritor. Também examinaremos como essas obras afetam cultural e socialmente, não só em seus locais de origem, mas também em uma escala mundial mais abrangente.



Quando nos imergimos nessas poesias, procuramos obter um entendimento mais profundo e empático da vivência negra, valorizando sua variedade, resistência e importante contribuição para a diversidade da cultura humana. No final das contas, este estudo não se restringe a examinar poemas, mas também busca reconhecer e festejar a abundância da experiência.

Contexto Histórico, Cultural e Linguagem Poética dos autores

A negritude, enquanto tema central na poesia, é uma manifestação rica e multifacetada da experiência humana. Nos poemas de Adão Ventura, Solano Trindade e Langston Hughes, essa riqueza se revela através de uma variedade de temas e imagens que capturam a complexidade da identidade negra.

Segundo Salvado Trigo:

O mundo africano, em termos culturais, traduz, pois, uma realização resultante do encontro do mundo negro com mundos culturais e civilizacionais diferentes que interferiram e alteraram substancialmente a cosmogonia e a ontogonia do homem negro tradicional. Portanto, o mundo africano, como matéria da expressão de sentimentos de todos aqueles que nasceram em África e lhe adotaram, e adotam, a cosmologia. (s/d, p. 91).

Conforme Trigo ressalta, o mundo africano é o berço de uma expressão cultural complexa e diversificada, moldada por séculos de interação com outras culturas e civilizações. Essa rica tapeçaria cultural é refletida na poesia de autores como Ventura, Trindade, Hughes e Tenreiro, cujas obras capturam a profundidade da experiência negra em suas múltiplas nuances.

Adão Ventura, nascido em Minas Gerais, Brasil, viveu em um período de profundas transformações sociais e políticas no país. O Brasil do século XX presenciou a contínua luta pela abolição da escravidão e pela igualdade racial, questões que permeiam a obra de Ventura. Sua experiência como negro no Brasil pós-abolição influenciou profundamente sua poesia, conferindo-lhe uma qualidade íntima e pessoal que reflete as complexidades da identidade negra em uma sociedade em mudança (Pereira, 2011). Segundo Stuart Hall



(1990), a identidade cultural não é uma essência fixa, mas um ponto de partida em constante formação e transformação, influenciado por contextos históricos e sociais.

Solano Trindade, também brasileiro, foi uma figura proeminente no movimento cultural afro-brasileiro do século XX. Como poeta, ativista e líder comunitário, Trindade dedicou sua vida à promoção da cultura e identidade negra no Brasil, em meio a um contexto de crescente conscientização e luta por direitos civis (Paula, 2020). Sua poesia é enraizada na tradição oral africana e carrega um senso de urgência e propósito, refletindo as realidades e aspirações da comunidade afro-brasileira. A relação entre poesia e resistência, como sugere o teórico Frantz Fanon (1961), é essencial para a afirmação da identidade e da cultura frente à opressão colonial e racial.

Langston Hughes emergiu como uma figura central no Renascimento do Harlem, um movimento cultural que floresceu na década de 1920 nos Estados Unidos. Este período foi marcado por um ressurgimento do orgulho negro e da expressão artística, em meio a uma sociedade caracterizada pela segregação racial e discriminação sistemática (Als, 2019). A poesia de Hughes, frequentemente política e socialmente engajada, reflete as tensões e esperanças da comunidade negra durante esse tumultuado período da história americana. Sua obra exemplifica o conceito de "Dupla Consciência" de W.E.B. Du Bois (1903), que descreve a sensação de viver com duas identidades sociais conflitantes, uma interna e outra externa.

Francisco José Tenreiro, um dos mais proeminentes escritores africanos do século XX, desempenhou um papel crucial no cenário literário de São Tomé e Príncipe e além. Sua obra, tanto como poeta quanto crítico literário, é reverenciada por sua profundidade e influência na cultura africana (Ferreira, 2011). Como poeta, Tenreiro explorou temas de identidade, colonialismo e resistência, oferecendo uma perspectiva única sobre a experiência africana. Sua sensibilidade literária e habilidade em capturar a complexidade da condição humana o estabelecem como uma figura central no cânone literário africano. Além de suas realizações literárias, Tenreiro também foi um defensor incansável da liberdade intelectual e dos direitos humanos, usando sua voz para promover a justiça e a igualdade em seu país e além. A ideia de "Consciência Negra" e resistência cultural, explorada por Aimé Césaire (1956), é claramente refletida em seu trabalho.



Ventura, em *Negro Forro*, emprega uma linguagem simples e direta, mas carregada de simbolismo, para evocar a complexidade da experiência negra. A metáfora da pele como um corredor noturno é particularmente poderosa, sugerindo uma jornada espiritual e emocional em busca de liberdade e autenticidade. Através de imagens simples e evocativas, Ventura convida o leitor a explorar os recessos mais profundos da alma humana, onde a verdadeira liberdade reside. Isso se alinha com o conceito de "Identidade Narrativa" de Paul Ricoeur (1988), que sugere que a identidade é continuamente recontada e reinterpretada através de narrativas pessoais e coletivas.

Trindade, em *Sou Negro*, faz uso de ritmo e musicalidade para criar uma experiência sensorial para o leitor. O poema ressoa com uma energia pulsante, à medida que o eu lírico celebra a herança cultural e a resistência do povo negro contra a opressão. Através de uma linguagem rítmica e vibrante, Trindade transporta o leitor para o calor da batalha pela liberdade, onde cada batida do atabaque ecoa com a força ancestral da resistência. Este uso da oralidade e musicalidade é central para a "Estética Negra" de bell hooks (1995), que enfatiza a importância da cultura afro-americana como uma forma de resistência e afirmação.

Hughes, em *Eu, Também*, utiliza uma linguagem simples e acessível para transmitir uma mensagem poderosa de esperança e determinação. Por meio de uma narrativa poética, ele aborda a luta pela igualdade racial e a perspectiva de um futuro sem discriminação racial. A utilização de fotos simples do dia a dia realça a emotividade do poema, ressaltando a conexão humana que vai além das diferenças de raça. Isso representa o conceito de "Visão Profética" de Cornel West (1982), que enxerga a busca pela igualdade racial como uma parte crucial da ética profética e da mudança na sociedade.

Tenreiro em *Negro de Todo o Mundo* explora a situação da dispersão africana utilizando uma linguagem expressiva e cheia de significado. O poema reflete profundamente sobre como é ser negro em um mundo afetado pela colonização e a opressão racial. Por meio de diversas imagens poderosas e simbólicas, Tenreiro retrata a dor e a resistência da diáspora africana, celebrando a união e a variedade da vivência negra. Seu trabalho ecoa a ideia de "Transnacionalismo Negro" de Paul Gilroy (1993), o qual investiga como a dispersão africana gera novas maneiras de união e identidade além das fronteiras nacionais.



Negritude na Poesia: Análise Comparativa

A poesia, como forma artística, é uma poderosa ferramenta para explorar e expressar as complexidades da experiência humana. No contexto da negritude, essa expressão se torna ainda mais crucial, pois os poetas negros têm usado suas palavras para desafiar estereótipos, reivindicar identidades e celebrar culturas.

Examinaremos três poemas emblemáticos - *Negro Forro* de Adão Ventura, *Sou Negro* de Solano Trindade e *Eu, Também* de Langston Hughes - para entender como cada autor aborda a negritude e suas representações poéticas. Analisaremos elementos líricos e poéticos, destacando semelhanças e diferenças, a fim de obter uma compreensão mais profunda das diversas facetas da experiência negra na poesia.

O poema *Negro Forro* de Adão Ventura oferece uma reflexão profunda sobre a liberdade e a identidade negra. O título, *Negro Forro*, sugere alguém que é liberto da escravidão, mas o poema vai além das expectativas convencionais associadas à liberdade.

NEGRO FORRO

Minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

Minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele

(Adão Ventura, Minas Gerais, Brasil).

O poema começa com a expressão "Minha carta de alforria", indicando a concessão formal de liberdade ao eu lírico. No entanto, em vez de descrever liberdade em termos convencionais, como posse de terras ou riqueza material, o poema subverte essas expectativas. A ausência de "fazendas" e "dinheiro no banco" sugere que a verdadeira liberdade não é encontrada em posses materiais, mas sim em algo mais profundo e intrínseco.



Vol. 27, nº 2 (2024)

Na segunda estrofe, o poema utiliza uma poderosa metáfora para descrever a experiência da liberdade. O eu lírico afirma que sua carta de alforria "costurou meus passos / aos corredores da noite / de minha pele". Aqui, a pele não é apenas uma fronteira física, mas sim um espaço simbólico onde a liberdade é vivenciada. Os "corredores da noite" sugerem uma jornada interior, uma exploração dos recessos mais profundos da identidade do eu lírico.

Ao destacar a importância da pele como um espaço de liberdade, o poema também sugere uma exploração da identidade negra. A pele não é apenas uma barreira física, mas sim um local de significado e pertencimento. Ao costurar os passos do eu lírico aos corredores da noite de sua pele, o poema sugere uma jornada de autodescoberta e aceitação, uma busca pela verdadeira essência da identidade negra.

O poema *Negro Forro* de Adão Ventura apresenta uma reflexão poética sobre a liberdade após a emancipação, sugerindo que a verdadeira libertação vai além do status legal, sendo também uma jornada pessoal e espiritual. Ventura descreve poeticamente como a carta de alforria não concedeu ao eu lírico as riquezas materiais ou a posição social esperada, mas sim o ligou aos "corredores da noite de minha pele". Isso sugere que a verdadeira liberdade reside na aceitação de si mesmo e na conexão com a própria identidade, em vez de depender de símbolos externos de status ou sucesso. Essa abordagem única adiciona uma camada de complexidade à análise comparativa, oferecendo uma perspectiva mais introspectiva sobre a experiência negra e a busca pela verdadeira libertação.

Já o poema *Sou Negro* de Solano Trindade é uma obra profundamente evocativa que mergulha nas profundezas da identidade negra, explorando suas raízes ancestrais, herança cultural e a luta contínua por liberdade e dignidade. Por meio de uma linguagem rica e vívida, Trindade traça uma narrativa poderosa que ressoa com as experiências e histórias da diáspora africana.

SOU NEGRO

Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh`alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gongôs e agogôs



Vol. 27, nº 2 (2024)

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor de engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso
Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou

Na minh`alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação
(Solano Trindade, Recife, Pernambuco/ Brasil)

Desde o início, o eu lírico proclama sua identidade com orgulho e determinação ao afirmar simplesmente: "Sou negro". Essa declaração, embora breve, é carregada de significado e ressonância, estabelecendo uma conexão profunda com a herança africana e a experiência compartilhada da comunidade negra. A referência aos avós que foram "queimados pelo sol da África" evoca uma imagem vívida e simbólica, destacando não apenas a origem africana do eu lírico, mas também os desafios e adversidades enfrentados pelos antepassados na terra natal.

Por meio de várias imagens e metáforas, Trindade ressalta a diversidade e o caráter complexo da herança cultural dos antecessores do narrador. Os tambores, atabaques, gongôs e agogôs citados no poema não são apenas instrumentos musicais, mas sim ícones da cultura africana e da luta dos negros. Os batimentos pulsantes e vibrantes ressoam nas estrofes do poema, transmitindo uma sensação de vitalidade e ligação espiritual com as raízes ancestrais.

Contudo, o poema também menciona as duras verdades da história da diáspora africana, evidenciando a crueldade da escravidão e a batalha constante pela liberdade e respeito. A história dos avós que foram trazidos de Loanda como "tesouros roubados" e



atuaram nas plantações de cana-de-açúcar revela um lado sombrio da vivência dos antecessores do narrador. Apesar das dificuldades e da situação adversa, os antepassados do eu lírico mostraram uma resistência forte, combatendo em Zumbi e se destacando na guerra dos Malês.

O poema conclui com uma reflexão profunda sobre a influência duradoura da cultura e da luta pela liberdade na alma do eu lírico. O samba, o batuque e o bamboleio representam formas de expressão cultural que foram preservadas e transmitidas ao longo das gerações, enquanto o desejo de libertação continua a arder na alma do eu lírico. Esta conclusão ressoa com uma sensação de esperança e resiliência, sugerindo que, apesar das adversidades enfrentadas, a comunidade negra permanece forte e determinada em sua busca por igualdade e justiça.

O poema *Eu, Também* de Langston Hughes, por outro lado, mergulha na essência da identidade negra e na luta por reconhecimento e igualdade. Ao proclamar "Eu, também, canto a América", Hughes afirma sua presença e sua voz na narrativa americana, apesar das tentativas de marginalização e exclusão.

EU, TAMBÉM

Eu, também, canto a América

Eu sou o irmão mais preto.
Quando chegam as visitas,
Me mandam comer na cozinha.
Mas eu rio
E como bem,
E vou ficando mais forte.

Amanhã,
Quando chegarem as visitas
Me sentarei à mesa.
Ninguém ousará,
então,
me dizer,
"Vá comer na cozinha".

Além do mais,
Eles verão quão bonito eu sou
E se envergonharão –

Eu, também, sou a América.

Tradução de Leo Gonçalves.
(Langston Hughes, Norte Americano).



A experiência narrada em *Eu, Também* ecoa as realidades enfrentadas por muitos na comunidade negra, onde a marginalização e a subjugação são muitas vezes tratadas como norma. No entanto, o eu lírico se recusa a ser reduzido a um papel secundário ou a se sentir envergonhado de sua identidade. Em vez disso, ele abraça sua negritude com uma dignidade inabalável, desafiando ativamente os estereótipos e reivindicando seu espaço na mesa da sociedade.

A mensagem final do poema ressoa com uma afirmação poderosa de autovalorização e orgulho. Ao declarar que "Eles verão quão bonito eu sou / E se envergonharão", o eu lírico não apenas desafia as normas convencionais de beleza, mas também reivindica sua própria identidade como algo digno de reconhecimento e respeito. Neste ato de autoafirmação, Langston Hughes captura a essência da luta pela igualdade e dignidade, oferecendo uma mensagem de esperança e empoderamento para aqueles que continuam a lutar por justiça em face da adversidade.

O poema *Negro de Todo o Mundo* de Francisco José Tenreiro é uma poderosa expressão da diáspora africana e das lutas enfrentadas pela comunidade negra em todo o mundo. O poema começa com uma chamada impactante ao som de um gongo, simbolizando a perda e a tragédia enfrentadas pelos negros. A menção a Harlém, América, e a violência nas ruas evoca a brutalidade e a injustiça que muitos negros enfrentam em suas vidas diárias. A imagem do sangue formando um xadrez nas ruas de Harlém é particularmente evocativa, sugerindo um jogo mortal onde a vida dos negros é colocada em risco.

NEGRO DE TODO O MUNDO

O som do gongue
ficou gritando no ar
que o negro tinha perdido.
Harlém! Harlém!
América!
Nas ruas de Harlém
os negros trocam a vida por navalhas!
América!
Nas ruas de Harlém
o sangue de negros e de brancos
está formando xadrez.
Harlém!
Bairro negro!
Ringue da vida!



Vol. 27, nº 2 (2024)

Os poetas de Cabo Verde
estão cantando...
Cantando os homens
perdidos na pesca da baleia.
Cantando os homens
perdidos em aventuras da vida
espalhados por todo o mundo!
Em Lisboa?
Na América?
No Rio?
Sabe-se lá!...
— Escuta.
É a Morna...
Voz nostálgica do cabo-verdiano
chamando por seus irmãos!
Nos terrenos do fumo
os negros estão cantando.
Nos arranha-céus de New-York
os brancos macaqueando!
Nos terrenos da Virgínia
os negros estão dançando.
No show-boat do Mississípi
os brancos macaqueando!
Ah!
Nos estados do sul
os negros estão cantando!
A tua voz escurinha
está cantando
nos palcos de Paris.
Folies-Bergères.
Os brancos estão pagando
o teu corpo
a litros de champagne.
Folies-Bergères!
Londres-Paris-Madrid
na mala de viagens...
Só as canções longas
que estás soluçando
dizem da nossa tristeza e melancolia!
Se fosses branco
terias a pele queimada
das caldeiras dos navios
que te levam à aventura!
Se fosses branco
terias os pulmões cheios
de carvão descarregado
no cais de Liverpool!
Se fosses branco
quando jogas a vida
por um copo de whisky
terias o teu retrato no jornal!
Negro!
Na cidade da Baía
os negros
estão sacudindo os músculos
Ui!



Vol. 27, nº 2 (2024)

Na cidade da Baía
os negros
estão fazendo macumba.
Oraxilá! Oraxilá!
Cidade branca da Baía.
Trezentas e tantas igrejas!
Baía...
Negra. Bem negra!
Cidade de Pai Santo.
Oraxilá! Oraxilá!

(Francisco José Tenreiro, *Coração em África*, 1982, São Tomense)

A voz poética se expande para além de Harlem, abraçando a vastidão da diáspora africana espalhada pelo mundo. Ao mencionar os poetas de Cabo Verde entoando versos sobre os desafios da pesca da baleia e as jornadas da vida, o texto ressoa com a solidariedade e o reconhecimento das lutas compartilhadas entre os negros em diferentes cantos do globo.

A incerteza e a instabilidade da experiência negra na diáspora são destacadas pela ambiguidade em torno do destino dos negros em Lisboa, América e Rio. A menção à Morna, uma forma de expressão musical cabo-verdiana, adiciona uma camada de saudade e conexão cultural à narrativa, enfatizando a importância da música como um veículo de resistência e expressão cultural.

O poema segue então retratando uma série de contrastes entre negros e brancos, desde os campos de fumo até os imponentes arranha-céus de Nova York, evidenciando as disparidades sociais e econômicas enfrentadas pelos negros em relação aos seus pares brancos. A alusão ao show-boat do Mississípi, onde os brancos imitam enquanto os negros cantam, destaca a apropriação cultural e a exploração frequentemente associadas à experiência negra na América.

Por fim, o poema culmina com uma imagem poderosa da cidade da Baía, onde os negros estão "sacudindo os músculos e fazendo macumba", contrastando com as centenas de igrejas brancas que pontuam a paisagem urbana. Essa imagem final ressalta a riqueza e a complexidade da cultura negra, assim como as lutas incessantes por autonomia e liberdade. *Negro de Todo o Mundo* é um poema que captura a essência da experiência negra na diáspora, desde os desafios enfrentados até a resistência cultural. É uma obra que ecoa as vozes dos negros em todo o mundo, convocando à solidariedade e à luta por justiça e igualdade.



Em comparação, os poemas *Negro Forro*, *Sou Negro*, *Eu, Também* e *Negro de Todo o Mundo* oferecem diferentes perspectivas sobre a experiência negra e a busca por identidade e igualdade. Enquanto *Sou Negro* mergulha nas raízes históricas e culturais da experiência negra, enfatizando a resiliência e a luta dos antepassados, e *Eu, Também* concentra-se na autoafirmação e no empoderamento individual, *Negro Forro* aborda de maneira sutil a complexa teia de liberdade e restrição enfrentada pelo indivíduo negro. Por sua vez, *Negro de Todo o Mundo* amplifica a voz da diáspora africana, ecoando os gritos de resistência e as lamentações da comunidade negra espalhada pelo mundo.

Assim, os quatro poemas juntos proporcionam uma visão multifacetada e profundamente comovente da experiência negra e da luta contínua por dignidade, igualdade e liberdade diante da adversidade. Cada um contribui para uma compreensão mais completa e rica das complexidades da identidade negra e da luta contínua por justiça e igualdade em uma sociedade muitas vezes marcada pela injustiça e pela opressão.

Conclusão

A análise dos poemas de Adão Ventura, Solano Trindade, Langston Hughes e Francisco José Tenreiro mostra uma diversificada gama de vivências e visões relacionadas à identidade negra. Cada poema, com suas especificidades estilísticas e de temas, colabora para uma compreensão mais aprofundada da diversidade e complexidade da identidade negra. Além disso, esses poemas não são somente manifestações artísticas, mas também fortes afirmações de resistência e comemoração da vivência negra.

Através da poesia, esses escritores não só abordam a dor e desafios da diáspora africana, mas também exaltam a resistência e o poder da identidade negra. Empregam suas palavras para questionar as histórias predominantes e buscar um lugar de respeito e valorização para a comunidade negra. Evidenciam que a poesia possui uma forte influência como forma de resistência cultural e social, podendo motivar transformações e promover um sentimento de união entre as comunidades marginalizadas.

A importância dessas obras vai além de suas eras e cenários geográficos. A batalha pela equidade racial e a valorização da cultura negra são assuntos globais que ainda ecoam em vários lugares do planeta. Por meio de seus escritos, esses poetas criaram um vínculo



profundo com leitores de diversas culturas e épocas, evidenciando que a vivência da negritude é singular e abrangente.

Assim, o objetivo deste estudo é examinar não só os poemas, mas também valorizar e comemorar a riqueza da vivência negra e a influente voz da poesia que a representa. Ao examinarmos a interligação da poesia com a negritude, entendemos a relevância de amplificar as vivências excluídas e de utilizar a expressão artística como forma de fomentar a equidade social. A produção literária destes poetas nos lembra que a literatura pode refletir, questionar e mudar a realidade, influenciando para um mundo mais justo e equitativo.

Referências

- ALS, Hilton. **O Elusivo Langston Hughes**. The New Yorker, The New Yorker, 9 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2015/02/23/sojourner>. Acesso em: 03 jun. 2024.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1955.
- DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Chicago: A. C. McClurg & Co., 1903.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Nova Iorque: Grove Press, 1961.
- Ferreira, Murilo da Costa. **De Coração em África: a negritude poética de Francisco José Tenreiro**. Nau Literária, Porto Alegre, v. 07, n. 01, jan./jun. 2011. Disponível em: seer.ufrgs.br/NauLiteraria. ISSN 1981-4526.
- GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- HALL, S. **Cultural Identity and Diaspora**. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). Identity: Community, Culture, Difference. Londres: Lawrence & Wishart, 1996.
- HOOKS, B. **Black Looks: Race and Representation**. Boston: South End Press, 1992.
- HUGHES, Langston. **Eu, também**. Tradução de Leo Gonçalves. Disponível em: <https://quintadaspalavras.blogspot.com/2012/02/eu-tambem-langston-hughes.html>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- PAULA, Adriana de. **Solano Trindade e a poética afro-brasileira**. Iconografia da história, 2020. Disponível em: <https://iconografiadahistoria.com.br/2020/11/20/solano-trindade-e-a-poetica-afro-brasileira/>. Acesso em: 01 jun. 2024.



Vol. 27, nº 2 (2024)

PEREIRA, Edgard. Adão Ventura. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 2, Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICOEUR, P. **Soi-même comme un autre**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

TRIGO, Salvato. **Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira**. Lisboa: Vega, (s/d).

TENREIRO, Francisco José. **Coração em África**. Pref. J.B. Martinho. Lisboa: Editora África, 1982.

TRINDADE, Solano. **Poemas antológicos de Solano Trindade**. São Paulo: Nova Alexandria, 2021. 167 p., il., 21 cm. (Obras antológicas. Poemas). ISBN 97885749225601.

VENTURA, Adão. **Negro Forro**. In: VENTURA, Adão. *A cor da pele*. São Paulo: Glob al Editora, 1982.

WEST, C. Race Matters. **Boston: Beacon Press**, 1993.